

# «CRISTO, VIDA DA VIDA»

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

2022

## ***Sexta-feira, 19 de abril, noite***

*Na entrada e na saída:*

*Sergei Rachmaninoff, Divina Liturgia de São João Crisóstomo, op. 31*

*Valeri Polianski – Capela Sinfônica da Rússia*

*“Spirto Gentil” n. 21, (Claves Records) Universal*

### **SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA**

**Davide Prospero**

Invoquemos o Espírito para que nos acompanhe ao longo do caminho destes dias, pedindo com toda a força e humildade de que somos capazes a graça de estarmos disponíveis à Sua ação, de modo a podermos mais uma vez degustar a doçura de Cristo presente entre nós e voltar para casa renascidos, recriados:

*Oh! vinde, Espírito Criador*

Como primeiro gesto, vou ler o telegrama do Santo Padre:

«Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “Cristo, vida da vida”, o Sumo Pontífice está feliz em poder dirigir aos participantes sua cordial saudação. Ele deseja que os dias de espiritualidade sejam ocasião oportuna para renovar a adesão ao Mestre Divino, em vista de uma presença cada vez mais fecunda na Igreja e na sociedade, na esteira do carisma do Servo de Deus Dom Luigi Giussani. Diante do individualismo e da indiferença que marcam o nosso tempo provocando o descarte de tantas existências, o Santo Padre exorta a considerarem que a resposta cristã não reside na constatação resignada da pobreza de valores atual ou na lembrança nostálgica do passado, mas na caridade que, animada pela confiança na Providência, sabe amar a própria época e, com humildade, fazer novas todas as coisas. Com tais votos, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e de bom grado envia a bênção apostólica, penhor de todo bem desejado. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

Nestes dias, junto conosco na Itália, vão acompanhar os Exercícios amigos conectados de 42 países, e nas próximas semanas mais 48 países vão viver os Exercícios; os Exercícios são traduzidos simultaneamente em sete línguas. Este é o panorama do nosso gesto.

Por que estamos aqui esta noite? Por que ficaremos reunidos por estes três dias, alguns presencialmente, outros remotamente, mas sempre reunidos? O que nos convenceu mais uma vez a

nos reunirmos, juntos depois de dois anos de pandemia que nos fizeram atravessar a solidão e a dor da perda de muitos entes queridos; juntos depois das tribulações e dos abalos que atingiram o nosso Movimento; juntos diante da incerteza do amanhã, ameaçado pela sombra de morte e de mal que a guerra traz consigo?

Dom Giussani, na introdução dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de 1992, responde assim a essa mesma pergunta:

«...o que realmente importa nesta companhia presente é algo que é inexoravelmente comum a nós. Cada um de nós tem uma personalidade própria, uma face própria, um coração próprio, um temperamento próprio, um caráter próprio, e relativamente poucos se conhecem nesse nível de detalhes; mas até as pessoas que eu nunca vi, que se perdem da escuridão (aumentada por estas luzes poderosas que me queimam os olhos), até aqueles que eu nunca vi têm em comum comigo a vida como uma tarefa para realizar, para cumprir; uma tarefa não indicada ou querida por mim ou por eles, uma tarefa comum, idêntica, para mim e para o último, o mais distante geograficamente, entre vocês: uma tarefa designada. O que há de comum é que queremos saber, desejamos saber, exigimos saber com todo o coração o “porquê” dessa tarefa; e também queremos saber onde é que toda a nossa vitalidade, toda a nossa expressividade, toda a nossa dedicação, todo o nosso viver vai parar, qual é o *propósito* da vida, com as dificuldades para levar, as contradições para sofrer, a vergonha de nós mesmos para suportar (“Rogai por nós, pecadores”). Estas coisas são comuns a todos, são as coisas mais importantes para cada um de nós. Nós só nos reunimos para reexaminar estas palavras, que, sendo as essenciais da vida de todos, são sempre as mesmas e nunca iguais, quando as repetimos. E este é justamente o milagre e o mistério de uma vida que é vida, que se expressa no nível destas palavras dramaticamente decisivas para um rosto que dura sempre, que é destinado a durar para sempre: o rosto eterno do nosso eu».<sup>1</sup>

Cada um de nós é chamado a fazer-se pessoalmente, esta noite, a grande pergunta que fomos educados a fazer-nos sempre que nos encontramos: eu, eu Davide e você, não importa o seu nome, por que eu e você estamos aqui esta noite?

Eu estou aqui porque fiz um encontro, há muitos anos. A princípio não foi mais que a experiência de um fascínio, o fascínio de uma humanidade cheia de promessa: promessa de significado para a vida, promessa de uma tarefa, promessa de um ideal capaz de tornar a vida cem vezes mais plena e maior, de um ideal capaz de dar razão das alegrias e das dores, da justiça e da injustiça, da felicidade e da infelicidade que marcam inexoravelmente a minha vida e a de todos. Esse encontro me inseriu num fluxo de vida que assumiu a forma de uma companhia, uma companhia humana cuja grandeza e força eu pude experimentar: uma força ao valorizar e fazer crescer a semente de

---

<sup>1</sup> L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, Milão: Bur, 2020, pp. 86-87.

bem que havia em mim, e uma força ao me impedir de escandalizar-me perante meu mal e minha miséria. Desta forma, se devo usar uma palavra para resumir o sentido da história que me levou a estar aqui esta noite, a palavra que me vem à mente é “misericórdia”. Misericórdia, pois entendo que, se pude permanecer fiel a esta história até hoje, foi possível principalmente em virtude da fidelidade do Senhor à minha vida, fidelidade que assumiu os traços do rosto dos vários companheiros de estrada, que Ele pôs a meu lado neste caminho. Misericórdia – ensinou-nos Dom Giussani – é uma palavra tão abissal, que seria preciso tirá-la do dicionário. Pela experiência que tenho dela, misericórdia significa isto: nós não somos o resultado dos nossos cálculos. Se há alguns anos me tivessem dito que um dia eu estaria aqui, neste momento, falando, com certeza eu teria caído na gargalhada. Mas nós não somos o resultado dos nossos cálculos: «Basta-te a minha graça», diz o Senhor a São Paulo, «pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente».<sup>2</sup>

Permitam-me mais um pensamento: ao estarmos aqui esta noite, a que exatamente é que estamos dizendo sim? A que eu estou dizendo sim? A qual “tarefa” – para voltarmos à palavra usada por Dom Giussani no texto que acabei de citar –? Acho importante dizer com clareza a todos, ao iniciarmos este que é o gesto central da vida da Fraternidade, em que consiste a responsabilidade que o Espírito, por meio da autoridade da Igreja, nos confia neste momento da nossa história, até porque muitos me perguntaram nestas semanas inclusive por escrito, então é justo começarmos desde já a nos ajudarmos a olhar este passo.

Brevemente, o que nos é pedido é que participemos, com paixão e espírito de obediência filial, da renovação da Igreja do nosso tempo. No fim dos anos noventa, a Igreja reconheceu solenemente, na pessoa do então Papa São João Paulo II, o recurso fundamental que os movimentos laicais foram e são para a renovação da Igreja e de sua missão no mundo, sobretudo no contexto do mundo ocidental cada vez mais secularizado. Em 30 de maio de 1998 – muitos de nós lembram bem – na Praça São Pedro estavam quase todos os fundadores dos movimentos eclesiais mais conhecidos. Muitos deles – e entre eles também o nosso querido Dom Giussani – hoje já não estão vivos. Acompanhando a delicada transição dos movimentos da fase fundacional para a sucessiva – uma transição que não só o nosso movimento teve de enfrentar, mas todos –, a condução da Igreja pôde ganhar uma consciência cada vez mais madura tanto da preciosidade do dom que os carismas dos movimentos são para toda a Igreja, quanto das podas de que essas realidades precisam para dar fruto. Um primeiro resultado desse trabalho de reflexão, certamente não definitivo – um trabalho que não começou com o pontificado de Francisco, mas já durante o de João Paulo II (é só ler o importante relatório do então Cardeal Ratzinger por ocasião do Congresso Mundial dos Movimentos de maio de 1998) –, foi a carta da Congregação da Doutrina da Fé *Iuvenescit Ecclesia*,

---

<sup>2</sup> 2Cor 12,9.

um documento que seria oportuno ler e também meditar. Seguiram-se a essa carta – como bem sabemos – o decreto geral *As associações internacionais de fiéis* e o discurso do Papa Francisco de 16 de setembro passado. Portanto, a Igreja vem pedindo que nos tornemos algo diferente do que sempre fomos? Pois esta é uma pergunta que muitos de nós se fizeram ou talvez estejam se fazendo. Quero responder a isto. Quando fui confirmado no cargo de Presidente da Fraternidade para os próximos anos, o Cardeal Kevin Farrell me disse: «Vocês querem ser esse fator de renovação, contribuir para serem esse fator de renovação a partir de dentro da experiência eclesial toda, trazendo tudo o que vocês são? Isto é muito importante, pois, se se transformarem numa coisa diferente do que são, não vai interessar a mais ninguém, nem a vocês nem a ninguém mais, e assim não construirá Igreja alguma».

Então não nos é pedido nada mais além de sermos nós mesmos até o fundo, trazendo nossa originalidade para dentro de toda a Igreja, cada vez mais, com esta consciência. É a isso que a Igreja hoje nos convida a dizer um sim. É o que Dom Giussani escreveu depois do grande encontro do Papa com os movimentos: «O que se passou no sábado, 30 de maio, aconteceu porque vocês estão, também vocês, *juntos*. É só o conjunto que faz. Deus, com efeito, está presente onde há unidade. No sábado, o encontro com João Paulo II foi para mim o maior dia da nossa história, possibilitado pelo reconhecimento do Papa. Foi o “grito” que Deus deu a nós como *testemunho da unidade*, da unidade de toda a Igreja. Eu, pelo menos, percebi assim: somos uma só coisa. Eu disse isso também a Chiara e a Kiko, que estavam ao meu lado na praça São Pedro: nessas ocasiões, como é possível não gritar a nossa unidade? E depois percebi, pela primeira vez tão intensamente, o fato de nós sermos *para* a Igreja, de sermos fator que constrói a Igreja. Senti-me pego entre as mãos e os dedos de Deus, que plasmam a história. Nestes tempos comecei a entender de verdade – e sábado ainda mais – a responsabilidade a que Deus me chamara. Eu não entendia, mas no sábado ficou claro. E essa responsabilidade é tal na medida em que se comunica aos demais justamente como responsabilidade. Ela é verdadeira quando é para a Igreja toda, e portanto para o Movimento todo; quando é uma obediência ao fato de que – como diz São Paulo – “ninguém dentre nós vive para si mesmo ou morre para si mesmo. Se estamos vivos, é para o Senhor que vivemos; e se morremos, é para o Senhor que morremos. Portanto, vivos ou mortos, pertencemos ao Senhor” (Rm 14,7-8). É Deus quem atua no que nós fazemos: “Deus é tudo em tudo”. Nossa responsabilidade é para a unidade, até chegar a uma valorização inclusive do menor vislumbre de bondade que há no outro».<sup>3</sup>

Eu estou aqui com vocês por isso. Padre Mauro-Giuseppe Lepori, Abade Geral dos Cistercienses, aceitou estar aqui conosco hoje pela mesma razão, e por isso lhe agradecemos.

---

<sup>3</sup> L. Giussani, “Carta à Fraternidade, Milão, 3 de junho de 1998”, in Idem, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, Fraternidade Comunhão e Libertação, 2019, pp. 287-288.

«Cristo, vida da vida» é o título destes Exercícios. Um título, diria eu, providencial: de fato, de onde pode renascer nosso entusiasmo pela história que nos tomou, de onde pode nascer o sim que somos chamados a dizer, senão de olharmos novamente para a face de Cristo, senão da renovação do maravilhamento do qual tudo começou, do qual toda a nossa história começou, isto é, o maravilhamento de um homem, Dom Luigi Giussani, diante da carne, da face de outro homem, o homem Jesus de Nazaré?

Queria acrescentar a última e talvez mais importante resposta à pergunta feita na abertura: por que estou aqui, por que estamos aqui? Eu estou aqui por Ti, ó Cristo, Vida da vida. Estamos aqui por Ti, estamos aqui para conhecer-Te mais, para reconhecer-Te de novo.

Disponhamo-nos, então, à escuta, seguindo a quem está mais à frente do que nós no caminho.

## INTRODUÇÃO

Mauro-Giuseppe Lepori

«*Uma só coisa é necessária*»

### O silêncio que escuta

«Seguir a Cristo, amar a Cristo em tudo: é o que deve ser reconhecido como a característica principal do nosso caminho.»<sup>4</sup>

Essa afirmação de Dom Giussani na carta que escreveu há vinte anos à Fraternidade, reagindo com emoção à carta de São João Paulo II pelo 20º aniversário da própria Fraternidade, soou-me imediatamente como a síntese mais simples e abrangente da consciência que um gesto como os Exercícios nos chama a despertar juntos. Juntos! Os Exercícios não são um monólogo, nem mesmo se quem os prega for um monge. Aliás, um monge deveria ser um humilde chamado de atenção para um desejo de silêncio, de uma atitude de silêncio, e um humilde chamado para a consciência de que o silêncio quer dizer escuta, quer dizer abrir «o ouvido do coração», como diz São Bento no Prólogo de sua Regra. São Bento começa a Regra assim: «Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente [ou seja, faz experiência] o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, Àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência».<sup>5</sup>

A obediência não é antes algo para fazer. A obediência é antes um escutar, que se torna obra na medida em que a escuta é vivida como abertura atenta e devota do coração, «inclinada», diz aqui São Bento, como a do mendigo que pede o necessário para viver. O silêncio que escuta, que deseja a vida dada por Outro, se penetra na vida, se abre espaço na vida, no tempo, nas coisas para fazer, nas preocupações, nas alegrias e nas dores da vida, de toda a vida, o silêncio que penetra mesmo que só um pouquinho na vida, torna-se a via mestra pela qual a vida penetra toda no silêncio, ou seja, penetra na escuta, inclina-se, inclina-se a perguntar e acolher a vida. Como o expressam os maravilhosos versos de Clemente Rebora: «O meu canto é um sentimento / que do dia fatigado / as tardes horas cansou: / E suplicava a vida».<sup>6</sup>

Mas o silêncio que nos é pedido nestes dias não deve cansar. Deve antes descansar-nos de uma desordem, de uma agitação de busca, de um afã de pretensão no qual entorpecemos a pureza do

<sup>4</sup> L. Giussani, “Carta à Fraternidade, Milão, 22 de fevereiro de 2002”, in Idem, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, Fraternidade Comunhão e Libertação, 2019, pp. 10.

<sup>5</sup> RB Prólogo, 1-2.

<sup>6</sup> C. Rebora, “LXXII. Son l’aratro per solcare”, I. *Frammenti lirici* - 1913, in Idem, *Le poesie*, Milão: Garzanti, 1988, p. 123.

desejo profundo e verdadeiro do coração, que é um desejo simples, um desejo de criança, um desejo que não corrompe com a nossa pretensão sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre a Igreja, sobre quem é responsável, sobre quem não o é... não corrompe com a nossa pretensão a necessidade verdadeira de todo o mundo e de todas as situações em que a vida e a história transcorrem, incluída a história de uma Fraternidade ou de uma Ordem como a minha, bem como de todas as realidades eclesiais.

Pois bem, peçamos a Nossa Senhora esse silêncio verdadeiro, esse desejo verdadeiro, pois seu coração era livre de qualquer mancha de pecado, de qualquer anseio de pecado original, isto é, de posse autônoma, arrancada, agarrada mais que acolhida, do sentido e da plenitude da vida. O coração de Maria vivia esse desejo sempre, em tudo. Nela era espontâneo pedir tudo, mesmo sem palavras, pois o pedido, o desejo da vida, era a batida constante de seu coração imaculado. Para nós não é assim. Precisamos ao menos de um momento de consciência de que não é assim, um átimo de reconhecimento de que falta o silêncio que escuta com o desejo do coração, o qual é distraído demais, saturado de outras coisas, ensurdecido por outros barulhos. Mas para criarmos em nós o silêncio que pede, que mendiga, no fundo basta um átimo de consciência da nossa distração, da nossa superficialidade, que seja um átimo de dor, de confusão, de humilhação, como quando Jesus repreendeu Marta por haver nela ruído de mais, agitação de mais, pretensão de mais, «já saber o que era necessário» de mais. É este o ponto! Carecemos de silêncio, de escuta, de desejo quando em nós domina *a pretensão de já saber o que é necessário*, a pretensão de já vivermos o que é necessário, o que nos basta, o que basta a mim e a todos, ou talvez a mim sem todos, ou a todos sem mim.

### **Escutar a única necessidade**

Fazer silêncio não quer dizer reiniciar a vida. Isto, no fundo, nunca ocorre. Se no fim dos tempos Cristo nos pedir contas do que fizemos ou deixamos de fazer a um só de seus irmãos mais pequenos, se até os fios do nosso cabelo estão todos contados, se nem sequer o favor de um copo d'água será esquecido no céu, se cada palavra que dissermos será julgada, pois bem, nem mesmo nós podemos fazer silêncio esquecendo a vida. Mas a vida, mesmo agitada, mesmo desordenada, entra no silêncio quando escuta o que lhe é necessário, quando deixa que digam, como Marta aquele dia, que «uma só coisa é necessária», que só há uma «melhor parte» que jamais é tirada: «Marta, Marta! Tu andas preocupada e agitada por muitas coisas. No entanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada».<sup>7</sup>

Teríamos de viver o silêncio destes dias, ao menos como intenção, ao menos como desejo, como quando Marta, depois do chamado de atenção de Jesus, ficou lá, sem dizer mais nada, tocada e

---

<sup>7</sup> Lc 10,41-42.



ferida por aquela palavra. E assim voltou para o fogo, para as comidas que estava preparando, para as tigelas que estava pondo na mesa, para o serviço a todos aqueles hóspedes que vieram com Jesus e invadiram sua casa. Não voltou como um cão que apanhou. Jesus não bate em ninguém. Jesus anuncia, Jesus educa, Jesus revela-se a si mesmo e, em o fazendo, revela-nos a nós mesmos. Marta voltou para a cozinha ferida, claro, mas sentindo imediatamente em si que aquela ferida lhe fazia bem, furava um abscesso, expurgava uma infecção que lhe envenenava o coração, a vida, os relacionamentos, até o relacionamento com Deus, com Jesus, o grande amigo deles. Havia algo errado e desordenado nela que a levava a irritar-se até com Jesus, coisa que jamais teria querido ou imaginado antes daquela noite, antes daquele escândalo.

Busquemo-lo, deixemos entrar em nós o silêncio de Marta, a escuta de Marta, a «melhor parte» que aquela noite Marta também escolheu, pode ser que primeiro com tristeza, talvez com vontade de gritar mais ainda do que antes, de ir embora batendo a porta. Mas calou-se. E deixou que a palavra de Jesus trabalhasse nela, trabalhasse-a por dentro, como um arado que torna a terra do coração fecunda, capaz de acolher a semente, capaz de dar fruto.

Nós precisamos do silêncio de Marta, e não só individualmente, mas também como comunidade, como Fraternidade, como Igreja. Precisamos dele para que nossa vida, e a vida da comunidade, a vida da Igreja, se torne fecunda, fecunda do que Cristo diz, do que Cristo quer, do que Cristo, o Verbo de Deus, é. Precisamos do silêncio de Marta para acolher até o fundo a presença de Cristo, que já nos alcançou a ponto de ficar lá sentado na nossa casa falando, a ponto de estar lá esperando jantar conosco, esperando dividir conosco a comida que estamos cozinhando para Ele, e depois a ponto de passar a noite na nossa casa, pois precisa descansar, e é nosso amigo, ama-nos assim, aprecia tanto a nossa companhia que escolheu nossa casa, nossa vida, nosso coração para descansar durante sua missão de salvação do mundo inteiro, durante sua vinda desde o Pai, e sua missão de voltar ao Pai fazendo-se homem para redimir a humanidade inteira! Ele vem descansar na minha casa! Entendem de que enormidade se trata?! De que coisa incrível se trata?!

### **A sede da amizade com Cristo**

Há uma estrofe de um hino latino para a memória de Santa Marta que sempre ecoa dentro de mim. De fato, é uma oração à santa para que divida conosco sua amizade com Cristo: «*Magistri felix hospita, / corda fac nostra ferveant, / ut illi gratæ iugiter / sint sedes amicitiae* (Ó hospedeira feliz do Mestre, / nos corações acendei o amor, / para que sejam eternamente / lar de amizade para o Senhor)».<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> “29 de julho. Memória de Santa Marta – Hino das Vésperas”, Liturgia das Horas.

O Filho de Deus, encarnando-se, veio chamar nosso coração a ser para Ele «*sedes amicitiae* – lar de amizade». Isto não só no coração de Maria sua Mãe, mas em todos os corações humanos alcançados pela presença e pelo amor d’Ele, inclusive o coração dos pecadores, como o de Zaqueu, a quem Jesus chamou a acolhê-Lo em sua casa para na verdade Ele ser acolhido em seu coração, em seu coração que, com a vinda de Cristo, primeiro se encheu de alegria, depois de arrependimento, por fim de amor que dá, que dá não só os bens aos pobres e aos roubados por ele mesmo, mas cheio também de um amor que reconhece e agradece Àquele que veio justamente para visitá-lo, justamente para sua casa, a fim de «procurar e salvar o que estava perdido».<sup>9</sup>

Precisamos do silêncio de Marta para viver essa experiência, ou melhor: essa graça, esse acontecimento de Deus que vem fazer da nossa vida o lar da sua amizade. Temos de fazer silêncio para ouvir esta oferta da presença do Mestre.

### **O núcleo da questão**

E o que Cristo nos diz? Espero que o escutemos nestes dias, espero e peço, para mim e para vocês, como espero que vocês também peçam para mim e para todos vocês. Mas esta noite, ainda pensando no episódio de Marta, pensemos na palavra que ela meditou em seu silêncio, que a encheu de silêncio e que encheu o seu silêncio: «Marta, Marta! Tu andas preocupada e agitada por muitas coisas. No entanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada».<sup>10</sup>

Pode ser – como eu estava dizendo – que a princípio Marta tenha ruminado essas palavras pondo a tônica na repreensão que percebeu nelas: «Marta, calma, você está muito agitada por mil coisas, não incomode sua irmã, deixe-se educar pela relação que sua irmã tem Comigo, você que sempre acha que é e principalmente *deve* ser a melhor, a mais indispensável...» Pode ser que no início tenha meditado nisto com ressentimento e tristeza. Mas isso não fazia senão confirmar o juízo de Jesus, isto é, fazia sua agitação crescer. Ficar fixada naquelas coisas só a deixava mais inquieta e agitada.

Nós também, quando recebemos um julgamento, um olhar que nos revela uma posição inapropriada na nossa vida, um juízo que nos corrige, que no princípio não costuma ser claro para nós, é normal que a ferida nos doa, que talvez a cocemos. Mas é como quando recebemos uma injeção, uma vacina. Há a ferida, há a dor no braço, alguns sintomas, mas o propósito da injeção não é esse, o efeito da injeção não é o furo que faz na nossa pele ou o hematoma formado. O que foi que Jesus injetou em Marta ao feri-la superficialmente, ferindo o amor próprio dela? Que bem-estar

---

<sup>9</sup> Lc 19,10.

<sup>10</sup> Lc 10,41-42.

Marta pôde perceber gradualmente depois daquela punção que a feriu? Quais palavras lhe fizeram bem, acalmaram-na, consolaram-na e foram tornando-a gradualmente mais feliz, com uma alegria nova que não vinha dela, mas das palavras de Jesus?

Se tirarmos do que Jesus disse a Marta as palavras sobre ela ou as sobre sua irmã, que núcleo sobra? Sobra o núcleo: «Uma só coisa é necessária».<sup>11</sup>

É essa a palavra que Jesus fazia questão que penetrasse nela, para que a meditasse, a assimilasse, para que lhe pudesse fazer bem, fazer bem à sua vida, curá-la, salvá-la, unificá-la tirando-a da dissipação. O sentido dessa palavra não é um tipo de higiene psicológica e espiritual, ou um convite para ela se comprometer em arrumar a sua vida, começando por domar seu gênio difícil. O sentido dessa palavra é o próprio Cristo, o sentido de Cristo para Marta, o dom de Cristo para Marta, que já era um dom compartilhado ainda antes que Marta o percebesse. O sentido dessa palavra é que *só Jesus responde ao desejo fundamental do coração e da vida*: o desejo de unidade, o desejo de encontrar um sentido que mantenha tudo unido, que mantenha todos unidos, que salve a comunhão, uma unidade que abrace a tudo e a todos, que nos mantenha unidos, abraçados pelo Tudo em tudo e em todos que é Deus, que é o Pai, que é Cristo, Cristo que é a encarnação da misericórdia do Pai, e portanto a encarnação do abraço do bom Pai, aquele que volta a acolher com alegria infinita o filho pródigo que volta para Ele.

### **Um tesouro já compartilhado**

«Uma só coisa é necessária» – «Só é preciso uma coisa».

Jesus, como eu disse, ofereceu a Marta essa palavra que a recompôs toda na única coisa necessária, que era o próprio Jesus, como dom já presente e partilhado, como dom que Ele dá a todos. Sua irmã Maria já o estava acolhendo, e talvez seu irmão Lázaro também, e os discípulos que vieram com Ele e lotaram sua casa. Esse dom já era partilhado com aqueles que, desde a Virgem Maria até Marta, já o tinham recebido e acolhido. Já era partilhado com João Batista, Isabel, José, os pastores de Belém, Simeão e Ana, os Magos, e havia já algum tempo com André e João, Pedro, Filipe, Natanael, Mateus o publicano, e depois Maria de Magdala e as outras mulheres que já seguiam e serviam o Senhor. Mas não só: já era partilhado com milhares de pessoas, com fariseus e publicanos, com prostitutas, doentes de toda espécie e endemoniados. Já era partilhado com as crianças que pulavam aos joelhos de Jesus. Já havia todo um povo que compartilhava a única coisa necessária que Jesus oferecia a Marta.

E nós, e você, e eu? Quando essa palavra chega até nós, quando nos alcançou e continua a nos alcançar sempre de novo, sempre nova, pensem com que imensidão de pessoas nós já a

---

<sup>11</sup> Lc 10,42.

compartilhamos. Dois mil anos de cristianismo, de santos e pecadores, de pecadores santos. Mas não é uma questão de números... Bastam duas ou três pessoas que descubrem terem em comum o fato de que Cristo é a resposta única, total e universal à necessidade do coração humano, para nos enchermos de espanto, espanto porque essa consciência ocorre em nós, ocorre em cada um de nós, em mim! em nós, que decerto não o merecemos mais do que bilhões de outras pessoas a quem ainda não ocorreu. Que espanto e que responsabilidade! Que gratidão e que contrição! Afinal, se você encontra na sua casa, comendo e bebendo com você, sentado onde você costuma sentar-se com seus irmãos para comer e bater papo todo dia, se você encontra na sua casa a única Realidade, a única Presença de que todo e qualquer coração humano precisa, de que precisam neste momento oito bilhões de corações que batem nesta terra... como pode não sentir uma vertigem de responsabilidade?! Porque, de um jeito ou de outro, você acaba tornando-se um devedor em relação a toda a humanidade pelo fato de lhe ser dado gratuitamente aquilo que todo o mundo, absolutamente todo o mundo! espera.

### **Abraçar a Cristo agora**

Mas agora não precisamos pensar nisto. Quer dizer, agora ainda não temos de pensar nas pessoas a quem é dirigida essa Realidade. Agora temos de pensar na Realidade em si, pois está aqui, e se eu não a acolher, se eu não me abrir, então é inútil preocupar-me com a necessidade universal que a aguarda. O velho Simeão reconheceu imediatamente que aquele Menino era «a salvação para todos os povos... luz para iluminar as nações»,<sup>12</sup> mas o fez pegando no colo aquele Menino, apertando-o contra si.

Então devemos entender, ajudar-nos a entender, como é que essa palavra dita a Marta vem para nos salvar agora, a cada um de nós agora, na situação em que estamos hoje, agora, a vida de cada um de nós, a vida das comunidades, da Fraternidade, das Ordens, da Igreja e do mundo.

Ponhamo-nos no lugar de Marta, naquele dia, naquela noite. Pensemos em como se retirou de lá para o fogo onde estava cozinhando alguma coisa; pensemos em como precisou isolar-se com essa palavra que a feria. Primeiro – eu disse – provavelmente teve de deixar esfriar sua raiva por não ter sido escutada e compreendida por Jesus. Ao menos era a impressão epidérmica e sentimental que a invadiu no momento e a encheu de tristeza. Antes pelo menos podia estourar, como sempre fizera, e com isso desabafava, ficava livre do mau-humor e se sentia bem. Depois voltava às suas tarefas sabendo muito bem que seu desabafo não ia mudar nada, que sua irmã ou sei lá quem iam continuar como antes, como sempre. Mas pelo menos tinha desabafado, podia dizer a si mesma que dissera o que pensava, mesmo que nem sempre pensasse o que dizia...

---

<sup>12</sup> Cf. Lc 2,30-32.

Desta vez, Jesus fizera como que implodir a deflagração. A explosão foi como que subterrânea, de modo que em vez de espalhar fragmentos e radiações num raio de milhares de quilômetros, a energia atômica fora invadir todas as covas subterrâneas do subsolo da humanidade de Marta.

Na realidade, Marta começou a dar-se conta de que aquela palavra de Jesus a revelava a ela mesma. Não superficialmente, não mostrando que ela era ansiosa e tinha a ambição de sempre passar uma boa imagem e dominar por conta própria todas as situações, e então todos os atores das situações em que estava vivendo. Isso ela já sabia, e provavelmente sua irmã e seu irmão já lhe tinham apontado milhares de vezes. Não, a palavra de Jesus revelava-lhe seu coração, que é bem diferente, bem mais profundo que sua psicologia superficial, que seu caráter e seu temperamento. Por outro lado, ela sabia que Jesus gostava do seu temperamento, que Jesus sempre olhava com simpatia para seu temperamento, provavelmente brincava com ele, e ela fingia que ficava ofendida, mas gabava-se por ter sido motivo de piada d’Ele, pois assim se sentia objeto do Seu afeto, sentia-se compreendida, abraçada. Caso contrário, Jesus não teria visitado com tanta frequência e tanto prazer aquela casa, tão dominada por Marta que o Evangelho não diz que Jesus fora hospedado por Lázaro ou Maria, mas por ela.<sup>13</sup>

Mas essa palavra de Jesus – «Marta, Marta... uma só coisa é necessária» – não era uma brincadeira, nem um pequeno sinal de impaciência em relação às agitações dela. Essa palavra revelava-lhe seu coração, expunha-o em sua necessidade profunda, essencial, total, e revelava-lhe que ela enganava essa necessidade profunda, essencial e total, não lhe fazia caso. Ou melhor: entulhava-o de coisas, de preocupações, de atividades, de julgamentos, de medos, de irritações, preconceitos, antipatias... como nós!

### **O coração é necessidade de Cristo**

Que é o coração? Quando Jesus disse que só uma coisa é necessária, temos de perceber que “necessário” traduz um termo grego que por si só significa “carência”, “indigência”, “falta”. De fato, a nova tradução [italiana] diz: «Só é preciso uma coisa». Nós, quando dizemos que uma coisa é necessária, pensamos principalmente no valor dessa coisa, e que é importante possuí-la, às vezes até vital. Mas não costumamos pensar no fato de que a necessidade dessa coisa é definida pela nossa carência, pela falta que dela temos ou que dela somos. A necessidade absoluta de Cristo tem para nós uma “definição” misteriosa, que está em nós, que somos nós, o nosso coração, o nosso coração que precisa d’Ele, o nosso coração que precisa apenas d’Ele, ao qual só Ele falta. Sem uma consciência de nós mesmos como necessidade, não podemos receber com verdade o dom de Cristo,

---

<sup>13</sup> Cf. Lc 10,38.

o encontro no qual Cristo se revela para nós, tal como para Marta, como o Único necessário ao coração, o Único de que realmente precisamos, de que *somos* necessidade.

Como não citar o grande verso de Mario Luzi, que meditamos no Meeting de Rímini de 2015? «De que é falta esta falta, coração, que num repente dela ficas cheio?»<sup>14</sup>

Aquela noite, Marta fez exatamente essa experiência, sentiu-se preenchida por essa pergunta que o coração faz a si mesmo. Nosso coração é uma pergunta que *se* interroga, uma pergunta que nos enche de espanto antes de tudo como pedido, como falta. «Como assim?», dizemos nós ao nosso coração. «Dou-lhe tudo, encho-o de tantas coisas, de tantos anseios e de tantas ansiedades, de tantas vaidades e presunções, de tantos julgamentos e pré-julgamentos, de tantas ideias geniais e de tantas besteiras... Como é que você pode precisar de mais ainda; como é que outra coisa pode preenchê-lo?! Como é que pode ficar cheio de um vazio, de uma falta, de uma necessidade tão imponentes, tão prepotentes a ponto de jogarem num segundo todas as outras coisas para escanteio? Como se todo o resto fosse apenas aparência, um fantasma, uma miragem, um dejetivo, lixo. Todo o resto me parecia tão importante! Como é que, de repente, como num golpe de espada, o desejo por outra coisa vem preenchê-lo?!»

Enquanto esperávamos este encontro, nós escutamos a *Divina Liturgia de São João Crisóstomo*, op. 31, de Sergei Rachmaninoff. No comentário que fez para a coleção *Spirto Gentil*, Dom Giussani enfatiza o trecho que ouvimos agora há pouco antes do início deste encontro, no qual por bons oito minutos o compositor repete «*Gospodi pomilui!* – Senhor, tende piedade!» Ele escreveu: «Por que, irmão Rachmaninoff, você nos faz repetir, por oito minutos, “Senhor, tende piedade”, *Gospodi pomilui?* Porque o nosso tempo não teve significado, não teve o significado que podia ter, falhou em relação a esse significado total que se chama Destino, “desmemoriou-se” totalmente. O Destino não foi uma presença que plasmou algo, não influenciou nada, e tudo em nós nasceu da instintividade, da indolência que nos impediu de mover-nos, da irritação ou do ressentimento que quebra o chão e deixa vir a ira para o íntimo de nós mesmos, criando um turbilhão amargo que deixa ver a ira dentro de nós, mesmo sem proclamá-la ou expressá-la».<sup>15</sup>

Este me parece ser exatamente o ponto de consciência ao qual Marta chegou aquela noite. Mas foi bem aí que o Destino a alcançou, até o fundo do coração, no «turbilhão amargo» do seu coração penetrado de irritação, de ressentimento, de ira.

<sup>14</sup> M. Luzi, “Di che è mancanza...”, in Idem, *Sotto specie umana*, Milão: Garzanti, 1999, p. 190. Ver também M.-G. Lepori, *Si vive solo per morire?*, Sena: Cantagalli, 2016, pp. 117ss.

<sup>15</sup> L. Giussani, “Perché la vostra gioia sia piena”, in *Spirto gentil. Un invito all’ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, organização de Sandro Chierici e Silvia Giampaolo, Milão: Bur, 2011, pp. 361-362.

## O encontro que revela o desejo

No entanto, essa pergunta do coração a si mesmo, essa consciência do coração como pedido de Cristo, do coração como ferida que só Cristo pode aliviar e curar, não brotou na mente de Marta assim, de repente, sem que nada acontecesse. Essa consciência nasceu nela porque Marta encontrou Jesus aquela noite. Talvez já o conhecesse fazia tempo, talvez o tivesse hospedado muitas outras vezes, talvez já tivesse ouvido falar nele, quem sabe por sua irmã, que provavelmente o encontrara antes dela e que talvez tenha sido a pecadora que lavara os pés de Jesus com suas lágrimas e recebera o perdão de seus pecados por muito ter amado.<sup>16</sup> Conhecia-o, conviviam, gostavam um do outro, mas Marta ainda não tinha *encontrado* Jesus.

Como diz Dom Giussani na passagem que sugeriu o tema destes Exercícios, em *Dar a vida pela obra de Outro*, nas páginas 82-83: «Cristo, este é o nome que indica e define uma realidade que encontrei na minha vida. Encontrei: ouvi falar primeiro quando criança, depois quando jovem, etc. Podemos crescer, e essa palavra é mais que sabida, mas para muita gente não é encontrado, não é experimentado realmente como presente; ao passo que Cristo deparou com minha vida, minha vida deparou com Cristo justamente para eu aprender a entender como é que Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. Cristo é a vida da minha vida. N'Ele se concentra tudo o que eu queria, tudo o que eu procuro, tudo o que eu sacrifico, tudo o que em mim evolui por amor das pessoas com quem Ele me pôs».<sup>17</sup>

Para Marta, aquele dia, aquela noite, *ocorreu o encontro com Cristo, o encontro como acontecimento*. O Evangelho descreve no diálogo entre Marta e Jesus esse salto de consciência que define o verdadeiro encontro com Jesus Cristo. O encontro com Cristo que muda a vida toda ocorre quando um homem ou uma mulher se acham diante d'Ele tais como são, com toda a humanidade que os define, no bem e no mal, e não importa se há mais bem ou mais mal, não importa nem se há somente mal, o importante é que a pessoa esteja tal como é na frente d'Ele, na presença d'Ele. A pessoa pode ser puríssima como a Virgem Maria, ou um canalha como Zaqueu e o bom ladrão, ou uma mulher de vida desordenada como a Samaritana, ou um bruto de coração grande como Pedro, ou um fino intelectual como Nicodemos, ou um fariseu fanático e violento como Paulo... Não importa! O encontro ocorre quando um homem ou uma mulher, tais como são, estão diante d'Ele e nesse momento Jesus consegue fazer penetrar no coração deles, mesmo que só com um sussurro, quiçá só com um olhar, o grande anúncio que a vida toda espera: «Só eu sou necessário para você! Você precisa só de mim! Eu sou a plenitude de que a necessidade do seu coração tem sede!»

---

<sup>16</sup> Cf. Lc 7,36-50.

<sup>17</sup> L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2022, pp. 82-83.

E aí, verdadeiramente, «*Abyssus abyssum invocat* – o abismo atrai outro abismo», como diz o salmo 41,<sup>18</sup> o abismo de misericórdia de Deus atrai, respondendo a ele, o abismo de miséria que é o coração do homem.

Marta viveu o encontro com Cristo aquele dia porque naquele dia seu coração foi transpassado a um só tempo pela consciência de sua vaidade, vacuidade, e pela surpresa de a plenitude daquele vazio estar ali, ser-lhe dada em Jesus.

Cada um de nós, e todos nós juntos, temos de começar daí, acolhendo esta noite a palavra de Jesus a Marta, o olhar de Jesus a Pedro – é o mesmo, pois se trata sempre e somente do acontecimento de um encontro que vem a afirmar-se, a reafirmar-se sempre de novo como a única coisa de que o coração precisa, o nosso coração e o coração de todos os homens. Convido vocês a reviver na sua vida, no seu coração, na consciência do seu eu, no silêncio que bem ou mal conseguirão oferecer... convido-os a reviver esse diálogo entre Marta e Jesus em Lucas 10,38-42. Convido-os todos a irem reclamar com Jesus de tudo o que tiverem para reclamar, a respeito de si mesmos, de quem está ao seu lado, o marido, a mulher, os filhos, do trabalho, da saúde, da comunidade, da sua Fraternidade, do Movimento, da Igreja, do mundo inteiro... E depois os convido a deixarem-se olhar por Cristo e a permitirem-se ouvir, com as palavras que quiserem, com as palavras com que um dia Ele os encontrou, que o seu coração precisa de uma única coisa: Ele presente. Deixemo-nos chamar pelo nome, como Marta, como Abraão, como Moisés, ou Saulo de Tarso, com nosso nome repetido duas vezes, para voltarmos a nos dar conta da atenção com que Cristo nos olha e nos chama precisamente a nós mesmos, a mim mesmo em pessoa. E convido-os a constatarem o que acontece em vocês, e em vocês na relação com tudo aquilo de que reclamaram, mesmo com razão. Isto é, convido-os a descobrir, ou a redescobrir, como a vida muda, a vida inteira, à luz do olhar d'Ele e da graça de termos consciência de que nosso coração precisa apenas d'Ele.

Amanhã vamos continuar a partir daí, a fim de retomarmos juntos o caminho para segui-Lo, reacendendo a consciência da plenitude de humanidade a que Cristo nos quer conduzir.

Agora vamos rezar juntos o *Memorare*.

© 2022 Fraternità di Comunione e Liberazione

---

<sup>18</sup> Sl 42(41),8.